

# 'O discurso não funciona de modo isolado'

JOSÉ HORTA NUNES  
Especial para o JU

**P**aul Henry, linguista e pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS, Paris/França), esteve na Unicamp para participar, nos dias 26 e 27 de novembro, da I Jornada Internacional de Análise de Discurso e Psicanálise "A-versão do sentido", organizada pelo Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb/Nudecri/Unicamp) e pela Universidade do Vale do Sapucaí (Univás), com a colaboração do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/Unicamp) e apoio da Capes e da Fapesp.

Paul Henry é autor do livro *A Ferramenta Imperfeita: língua, sujeito e discurso*, cuja segunda edição acaba de ser lançada pela Editora da Unicamp. Trata-se de um dos pesquisadores fundamentais na história do estabelecimento da Análise de Discurso na França, em colaboração com Michel Pêcheux, e em seus desdobramentos no Brasil.

Nesta entrevista, ele fala dos inícios da Análise de Discurso, da elaboração do conceito de "pré-construído", do qual é autor, e da relação entre linguística, psicanálise e teoria do discurso, tendo a noção de "sujeito" como lugar de articulação. Fala também do modo como vê a realização de trabalhos que envolvem diferentes domínios teóricos.

**Jornal da Unicamp** – O seu livro *A Ferramenta Imperfeita (Le Mauvais Outil)*, publicado no Brasil pela primeira vez em 1992, pela Editora da Unicamp, e agora reeditado, foi um dos que trouxeram condições para a formação de vários pesquisadores em Análise de Discurso no Brasil. Como o senhor vê, hoje, os inícios da Análise de Discurso?

**Paul Henry** – Começamos a ter em vista a ideia de constituir a Análise de Discurso. Foi Pêcheux que a lançou. Eu ainda não estava, de modo algum, nesse terreno, visto que eu fazia linguística e coisas correlatas, mas não diretamente.

É verdade que pensamos na Análise de Discurso com o objetivo de propor uma outra abordagem de questões de semântica. Creio que é este o ponto, na medida em que considerávamos que todas as concepções da semântica que supunham, a grosso modo, que a palavra tem um sentido, que é na palavra que é preciso procurar o sentido, não podiam ser sustentadas. Eu creio que isso é importante.

Evidentemente que, desde então, muita coisa se passou, a linguística também evoluiu, o pragmatismo, o cognitivismo, as teorias gerativas transformacionais continuaram, mas elas não se modificaram muito, não é? Direi as coisas de outro modo. Eu estive no começo do lançamento da ideia da Análise de Discurso, tal como depois ela foi desenvolvida na França e em outros lugares. A ideia de partida era justamente encontrar uma alternativa, estabelecer sob outras bases a questão da semântica e do sentido.

Havia também uma dimensão política. Nessa época, passamos a considerar a propaganda. Tratava-se de compreender como, por meio de um certo número de coisas, o sentido deveria estar nos lugares que foram atribuídos aos indivíduos na sociedade em geral, considerando que isso passava pelo discurso.

**JU** – No livro, o senhor trata do sujeito, da língua e da ideologia. Na relação entre esses campos, a noção de sujeito aparece como algo que permite uma articulação. Há uma distinção que o senhor faz entre o sujeito enquanto um real, digamos, e a concepção científica do sujeito em cada um desses campos: na psicanálise, na linguística e no estudo da ideologia.

**Paul Henry** – Sim, creio que é preciso dizer que o subtítulo do livro: sujeito, língua, discurso, parte do princípio de que não se pode tratar de nenhum desses campos sem levar em conta os outros, quer dizer, do sujeito para a psicanálise, da língua para a linguística e do discurso para a análise de discurso. Nenhum desses domínios pode ser separado dos outros.

Sabe-se bem que a linguística desempenhou um papel muito importante no modo como Lacan releu Freud, mas demarcando os limites em relação a ele, ao mesmo tempo em que a psicanálise não se reduzia a um ramo da linguística. No que concerne à linguística, efetivamente, a psicanálise não pode ignorá-la. Isso é muito claro. A linguística se encontra em uma situação difícil para reger a questão do sentido.

Ela tem necessidade disso para identificar distinções de sentido, mas ela não tem uma teoria, na verdade, do sentido que a permita reger tudo isso. Nossa posição, portanto, foi a de mostrar que é no discurso que a significação e o sentido se constituem. Foi esse terreno que fez com que explorássemos o discurso com métodos que lhe são próprios.

Desde então, pensamos em métodos extremamente formais: a análise automática, então, com um programa, que tratava um corpus, etc., e essa orientação tinha uma visada essencialmente experimental. Tratava-se de ver até onde esse procedimento poderia ir e que espécie de resultados poderia produzir, e depois também quais são os resultados sobre os quais ela nos faz se debruçar. Isso era fundamental, mais importante ainda do que o sucesso a que ela podia chegar.

Havia já naquela época, portanto, sempre essa mistura de algo bem tecnológico: computadores, programas, outras coisas. Havia um programa muito complexo de reconhecimento automático da língua francesa, com o qual tentávamos extrair estruturas sintáticas dos enunciados automaticamente, o que funcionou mais ou menos.

Ele foi aperfeiçoado até que o espaço de Pêcheux, o programa, foi interrompido. Esse é o lado tecnológico. Além disso, houve a colaboração com muitos linguistas, um trabalho importante feito com historiadores, para os quais o discurso tinha verdadeiramente um lugar, através das análises de arquivo: não se pode confundir os arquivos com o discurso, o discurso não são os arquivos, o texto não é discurso. O discurso é o texto mais tudo o que permite dar um sentido, interpretação. Não é, portanto, somente o texto.

**JU** – O conceito de pré-construído foi muito importante para o estabelecimento da Análise de Discurso. Como se deu sua formulação?

**Paul Henry** – A ideia é, efetivamente, que o que se diz, o que se escuta, é sempre atravessado por algo que já foi dito, atravessado por um dito anterior. Eu acho isso natural. O discurso não funciona de modo isolado, ele está sempre ligado a outros discursos que se



O linguista francês Paul Henry: "Eu continuo convencido de que para falar do sujeito, é preciso falar de um sujeito histórico"

convocam, que são convocados por sua letra, sua materialidade.

É isso que levou à ideia de pré-construído, de início com um trabalho sobre a pressuposição tal como desenvolvido por Frege, mas nós nos distanciamos disso muito rapidamente, porque, simplesmente, a ideia de conteúdo de Frege consistia em que podia haver ao menos dois níveis em um texto – o nível superficial e algo que estava em uma posição segunda, se preferir, enganchada na primeira.

A estrutura do texto, então, era uma hierarquia, havia uma superfície e depois algo abaixo. E depois, na medida em que a noção de pressuposição efetivamente implicava a ideia, grosso modo, de que a palavra tem um sentido. Era preciso mudar de registro efetivamente. Quais são os discursos que trabalham no interior de um discurso, linguisticamente? É essa a ideia de pré-construído, não há discurso que funcione sem fazer apelo a outros discursos.

**JU** – Qual é a diferença entre a noção de pressuposição e a de pré-construído?

**Paul Henry** – A noção de pressuposição vem da lógica, é a ideia de Frege também. A pressuposição é no fundo a ideia de que, quando se pronuncia uma frase, implicitamente, haja asserções que se apresentam em seu interior, que não são explicitadas no nível da frase, mas sem a qual a ela não poderia ter sentido. É essa a ideia de pressuposição. É preciso pressupor algo para que a frase tenha um sentido.

E então simplesmente é um limite da noção de pré-construído, que é uma generalização dessa ideia, quer dizer, efetivamente há asserções, para dizer como os lógicos, mas eu diria discursos que são convocados como se eles nunca fossem anteriores ao discurso explícito atual. É importante, efetivamente, é verdade que a ideia de pressuposição funciona assim, mas justamente ela continua tributária da ideia da literalidade: há um sentido literal, é isso o que é discutido, de fato, sempre.

Pode-se certamente ter o sentimento, quando se está sob determinadas condições, em um momento dado, de que há uma literalidade do sentido, mas a questão aí é de saber como esse sentido se constrói, se fabrica.

**JU** – Sim, e em seu artigo sobre as orações relativas, o senhor mostrou que a linguística é insuficiente para descrever o sentido na relação entre língua e discurso.

**Paul Henry** – Aí eu creio que é verdadeiramente típico, a teoria das relativas, as determinativas e as explicativas. A diferença entre as duas não é uma diferença linguística, é uma diferença discursiva, porque efetivamente isso depende do sentido que se atribui aos elementos da proposição e não simplesmente de sua sintaxe.

O nível sintático está lá, isso é muito claro, mas o modo como se levou em conta o léxico das orações relativas na gramática gerativa, etc. eram procedimentos perfeitamente *ad hoc*, quer dizer, que permitiam efetivamente construir, formalizar uma diferença, mas integrando no formalismo coisas que não tinham o mesmo viés – quer dizer que essas coisas são feitas brutalmente.

Contrariamente ao que Chomsky pensava, a gramática, a sintaxe, não é independente da semântica. No limite é isso. Ou pressupomos que há um sentido literal e nesse

momento efetivamente regrá-se a questão desse modo. Mas, se não se admite que há o sentido literal, e que há uma outra explicação, a explicação nesse momento, efetivamente, vai ser discursiva.

E a análise de discurso, o que ela vai fazer? Ela vai buscar, de início, sem preconceito de nada em princípio, quais são os efeitos de sinonímia que podem se produzir no interior de um corpus. Quais são, de fato, as palavras, as frases que funcionam como se nunca tivessem sido sinônimas umas das outras? E, ao contrário, quais são as linhas de ruptura, de fratura, que fazem com que haja coisas que estão em uma parte de um corpus mas não em outra, de modo que se possa dizer que há uma coisa diferente em uma e em outra parte do corpus?

Trata-se assim mesmo de produzir, de identificar diferenças, como em toda parte, isso a partir de algo que é essencialmente da análise distribucional, com a sintaxe, etc.

**JU** – E como era a questão do sujeito, da psicanálise, nesse contexto de relação entre língua e discurso?

**Paul Henry** – Bem, para mim – eu não posso responder por Pêcheux – ela apareceu, efetivamente, em relação ao trabalho que eu havia feito sobre Frege e sobre o qual também eu me debruçava. Quer dizer, eles mesmos eram obrigados, com Ducrot, a supor certas coisas desse sujeito, mas sem lhe conferir nenhum estatuto. Então, é aí efetivamente que toda a bagagem que eu tinha de leitura de Freud, e de psicanálise, e de Lacan, na época, me levou a pensar que era nesse terreno que se podiam encontrar respostas.

É certo que a ideia de que o sujeito é um ser de linguagem, como diz Lacan, ia totalmente nesse sentido, e eu penso que isso continua sendo uma questão, uma posição muito forte. Foi assim que aconteceu, a meu ver, porque nas análises, nos trabalhos publicados por Ducrot, particularmente, que eram frequentes, éramos obrigados a supor uma série de coisas a respeito do sujeito, portanto, não da gramática, do léxico, mas algo que não é da linguística.

O que é esse sujeito? A discussão que há no final do livro com Oswald Ducrot é justamente isso. Foi assim que aconteceu. Bom, e eu me interessava pela psicanálise. E eu continuo convencido de que para falar do sujeito, é preciso falar de um sujeito histórico. Mas o que é essencial, assim mesmo, é isso: o que a linguagem faz com esse ser, o que isso faz com esse ser para que haja linguagem, o que isso faz ao ser humano para que haja linguagem.

Em um universo de linguagem, o que acontece para que isso fale, o que isso faz com o ser para que ele seja falante? Penso que é isso o sujeito. Para dizer de outro modo, não há ser, não há sujeito, sem linguagem.

José Horta Nunes é pesquisador do Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb/Nudecri) da Unicamp.

Leia a íntegra desta entrevista em: <http://www.unicamp.br/unicamp/ju/587/o-discurso-nao-funciona-de-modo-isolado>

## Serviço



**Obra:** "A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso"

**Autor:** Paul Henry

**Tradução:** Maria Fausta Pereira de Castro

**Editora da Unicamp**

**Área de interesse:** Linguística

**Preço:** R\$ 38,00